

O Jornal do

N.º 1

Reporter X

SEMANARIO DA VIDA MUNDIAL

PREÇO

EDITOR

SABADO

50 CTS.

Ilídio de Sousa

12-OUTUBRO-1929

DIRECÇÃO (provisória)

ADMINISTRAÇÃO — Barcelos

ESCRITORIO (provisório)

R. da Palma, 146-2.º - LISBOA

Ae. dos Aliados, 71 - PORTO

O amante dos manequins de cera

MORREU no sábado em Lisboa o meu antigo condiscipulo Rogerio de Castro. E não morreu porque o mercurio da vida tivesse subido até à velhice no thermometro dos anos. Morre, pelo contrario, muito novo: pouco mais de trinta. Morre quando o sacrificio da sua abdicção de artista começava a ser pago em comodidades. Havia dois anos construíra uma "chalet", excêntrico, com telhados de biqueiras recurvas à laia de pantufas persas ou de pagode hindu; havia dois meses que comprara um auto-movel "Windsor", — fronteira solar de suas ambições e das suas inofensivas vaidades humanas. Mas não é a sua morte que oferece barro para uma história; é a sua existência e o seu caso. Contar-vos-hei, pois, a história da vida de Rogério de Castro. Filho de um modesto empregado nos Armazens Grandela, habituara-se, desde ga-

O Hollywood do Angola & Metropole - Recordando Belo Infante - O monstro genial - Onde está Hennies e o que vale o seu silencio - O Calvario de artista - O caso de Rogerio de Castro - As bonecas de cera - Os gêmeos do acaso - O Presidente Machado, o presidente Hower, o coronel Brick e o Ford.

Antonio Bandeira

O CORREIO atira-nos às vezes à alma certas cartas que pesam e ferem como as pedras da garotada em briga. Mas vá lá a gente adivinhar... Cartas e mulheres — só depois de padecido o mal é que apuramos do mal que elas vinham trazer-nos. A que recebi hoje, estampilhada com a esfinge bochechuda da Rainha Guilhermina, da Holanda, era das que mereciam ser lançadas, com o envelope virgem, na vala comum do cesto dos papeis.

Releio-vos o seu remate: "Tanto eu como todos os camaradas acolhemos com alívio e comoção a notícia de que tinham sido finalmente abertas as portas do cárcere para que o vosso antigo ministro aqui, em Haya Sr. Bandeira, saísse para a liberdade, de — sencardido em absoluto das cruéis acusações de que foi vítima. Recordar-se, de certo, dos meus desabafos a este respeito por ocasião da sua visita ao nosso país. Nenhum diplomata estrangeiro conquistara tão dignamente a admiração e a simpatia, a alma e o espirito de todos os holandeses, desde a Rainha até nós, como o Sr. Bandeira. Seu amigo, etc. Belo Infante."

Antes de mais nada apresento-lhes o signatário desta carta em tão má hora redigida e posta a voar nas asas invisíveis do correio. Em 1925 — recordam-se? — parti para Haya, como missionário de parte da imprensa portuguesa no julgamento de Marang. Esse julgamento foi o ultimo fôlego da caixa da verdade — que brilhou, numa efêmera e escandalosa claridade, iluminando pepitas insuspeitadas — mas que logo se extinguiu, restituindo-as de novo às trevas e ao dogma. Os jornalistas holandeses, nas vésperas do meu regresso, ofereceram-me uma taça de champagne no seu "cercle". Ia um redactor do *Telegraaf* papagaia o terceiro brinde quando a porta envidraçada do fundo se abriu e eu me senti num *carroussel* de espirito como se o vinho coirado tivesse produzido uma vertiginosa embriaguez. O aspecto do recém-chegado explicava bem a tontura sofrida. Monstro assim, nem Goya nem Gustavo Doré tinham engendrado nunca no maguavelismo dos seus pesadelos artísticos. A diformidade duma cabeça enorme, entroncada sem pescoço era agravada pelo corpinho de petiz enfezado. As pernas do palmo e meio e descarnadas, bambolevam-se dentro das calças. Um só braço tinha — o direito — e esse só dispunha de dois dedos — o unico polo do seu extraordinário e privilegiado dinamismo mental pois aqueles dois unicos dedos — soube depois — guiavam a mais brilhante e gloriosa pena de toda a imprensa holandesa. Chamava-se Belo Infante — aquele genial aleijão e descendia de uma das famílias luso-hebraicas que acamalharam para a Holanda no reino de D. Manoel I. Mas o que me galvanizou mais dolorosamente os nervos foi a meticalosidade da sua toilette — todo apinocado, ao colo do moço que o transportava de redacção em redacção, como as amas levam as crianças e que o viera trazer ao *cercle* para me conhecer. Meia hora depois a sua palestra scintillante rendia-me e fazia esquecer-me a monstruosidade do seu fi-

sico — e daí a nossa ininterrupta amizade e frequente correspondência há já quatro anos.

Mas não quizera eu, apesar de tudo, que Belo Infante me tivesse escrito a carta dessa manhã. E' que meia hora antes de a ler — fora informado que Antonio Bandeira entrava de novo na Penitenciária.

De todo o elenco desse vasto Hollywood que é o Angola & Metropole onde abundam os *cadetes* de todos os géneros; os "azes" de todos os cartazes; por onde passam Charlots e Lon Chaney; Harolds e Genings; uma figura existe que me comove profundamente: Antonio Bandeira! Que mau feitiço — o da vida desse homem! Escriitor que foi, e brilhante; legitimamente ambicioso; pobre de fortuna mas milionário de intelligencia e de energia, e de muito novo, a lutar para conseguir infiltrar-se numa carreira até então quasi monopolizada por uma casta; a diplomacia. Sem recursos, sem padrinhos, sem influencias, teimou, trabalhou, numa carreira heroica...

Venceu em parte. Lutou na carreira — mas durante 10, 15 anos, que rija batalha, de que torturas, que prodigiosa acrobacia para se manter, para brilhar, para prosseguir até ao triunfo absoluto! Os nossos diplomatas eram mal pagos. Os governos, ao enxudrezarem os seus orçamentos, contavam com a fortuna pessoal dos que esmolavam, por snobismo mundano e não por amor à carreira, um posto de secretario.

E Antonio Bandeira — só dispunha dos seus anemicos ordenados. Mas o que lhe faltava em ouro sobrava-lhe em espirito. O seu progresso continuo, a conquista de simpatia e privilegio que assinalava a sua passagem por qualquer capital, quando ainda secretario — era tudo obra da sua intelligencia e da correção do seu porte — associada a um doloroso e secreto sacrificio de todas as horas.

Parecia ter chegado, finalmente, a sua vindima ao rendimento da capitalização do seu esforço. Ministro em Haya, melhoradas as receitas — com mais largueza e bem-estar — a sua inegavel vocação diplomatica expandia-se com retumbancia. Antonio Bandeira era o estrangeiro mais querido e influente da Holanda. A propria familia real o distinguia. Os proprios ministros das grandes potencias, iam, em segredo, pedir a Antonio Bandeira, plenipotenciario dum minúsculo e desinteressado país; o reflexo da sua influencia para determinadas e difíceis *demarches*. E foi logo nessa hora de apoteose e de repouso que a Fatalidade veio ceifar-lhe a ventura, atira-lo do apogeu tão ambicionado para a enxovia; da gloria para a deshonra; da intimidade dos reis para o dos facinorosos da penitenciária! Como se fosse pouco veio a crueldade do Destino a conceder-lhe, por umas semanas, a ilusão de que o pesadelo terminava.

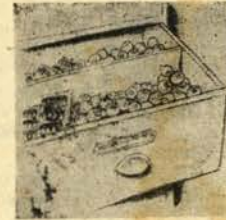
De todos os jornalistas que radiografaram o arcaiboço deste misterio sou aquele que mais convenceo está que o seu misterio só será illuminado por dentro quando for prezo o celeberrimo Hennies. Em 1925 propuz a um jornal de Lisboa descobrir o seu refugio — que era então em Constantinopla e entrevistei-o.

Não quizeram. Ninguém quer que Hennies fale. Talvez um dia tente, por minha conta, essa empresa...



"Rogerio de Castro cuidava das suas bonecas com estímulos de amante e de pai"...

roto, à profecia paterna do seu decidido talento artistico — demonstrado nas serapinturas de cromos infantis, com lapis de todas as cores. Aos quinze anos recusou-se a obedecer ao Destino que o mandava como recta dinastia, para o balcão de qualquer loja de modas — e entrou, a grande custo, para as Belas Artes. E fosse por milagre de sugestão ou porque, realmente, as agulhas do genio tivessem feito ninho na sua alma, o certo é que trez anos depois falava-se dele como o menino prodigio do seu curso. A sua retina ganha-



Havia um possivel cheiro de globos visuais e dentaduras que dava ao cenário algo de mágico, de sala de autopsia, com retiva da cadaverosa.

va enjoo pelas tintas, como um estomago no dia seguinte a embriaguez com vinhos variados. Dedicara-se a escultura e era na escultura que se revelava numa vertiginosa vocação. Sensível aos elogios alheios usava-o no culto aos seus sonhos e utopias... Recordo-me de lhe ter escutado, nas vésperas da minha primeira partida para o estrangeiro, os projectos dum futuro tão

infalível, como para o entardecer é a noite; ou como para a aurora é o dia. Monumentos públicos de gran-elocuencia marmórea, "grands-prix", nas exposições internacionais; a fundação do museu "Rogerio de Castro"; a universalização do seu nome e da sua fama. Ao dar-me o abraço de despedida, gritou, muito alto, para que toda a gente ouvisse: "Até breve, rapaz. Dentro de poucas semanas estou contigo em Paris."

... Só em 1923 o tornei a ver. Estava mudado, sobrio de gestos e de palavras; rapara a americana as tranças gudehudas; substituiu o laço de Lavalère por uma gravata vulgar. Que o acompanhasse ao seu "atelier", para as bandas da Estefânia — um barracão de soalho encardido e paredes esburacadas. E em vez de "maquetes", de estatuas, de bustos e frisos onde branqueasse, immaculadamente, o seu génio — vi-me cercado de pernas de cartão com tibias de madeira; cabeças de abonecadas fêmeas ainda por soldar e dando a impressão de crânios trepanados; seios de Sherazade com parafusos; gavetões com dezenas de dentaduras; punhados de globos visuais, em vidro e com iris azuis e castanhos e negros; ramadas de tranças loiras, ruivas, onduladas ou lisas... Havia em todo aquele "bric-à-brac", entre sinistro e afantochado, algo de cemitério, de morgue e hospital, com lixo de cadáveres e restos de operação. Que vinha a ser aquela Feira de Ladrão? E Rogerio de Castro, sem os antigos alardes, numa modestia despreocupada de operário, contou-me como tinha sido aquilo. A realidade esfrangalhara, uma por uma, todas as suas ambições, esfumara todos os seus sonhos. Passaram-se os meses e os anos sem uma encomenda. Tentara um voo, vencer a vida pela nobreza da sua arte... nada conseguira — nem sequer uma viagem subvencionada. O pai morrera. Dera então o primeiro mergulho na miséria e saíra asfixiado e jurando a si próprio nunca mais ensaiar natação naquelas águas.

Os antigos padrões do pai propuseram-lhe experimentar o talento de escultor destinado a obras imortais de mármore na cera dos manequins. Adaptou-se. Chorou muita lagrima ao ver reduzidas as montanhas dos grandes armazéns as suas produções — destinadas às salas dos grandes museus e aos pedestais das grandes avenidas europeias. A sua tragédia sobrepoz-se a de um outro artista de génio que conheci em Bruxelas. Era um russo, um clarão de esperança na sua geração. Violinista em segredo com os Deuses. Compusera duas obras sem conseguir que os empresários as fizessem cantar. Para não morrer de fome — que é para um artista dupla morte: a física e a do espírito — fizera-se chefe de "jazz-band", dum "cabaret", reles, onde os frequentadores se aborreciam com a música honrada e lhe exigiam "foxes e charlestons". Chamava-se Hipólito Treef — e viu chorar castigando o violino com um "shimmy" agitado da "Revue-Negro".

Rogerio de Castro já não chorava. Pelo contrário; substituiu a sua paixão lunática pela arte, pela paixão prática, pelo dinheiro. Ganhava tanto por dia... E não era tão vil, como a aparência, aquilo de moldar manequins para surgirem em atitudes classicamente idiotas nas montanhas dos grandes armazéns. Tinham menos beleza e menos alma — aquelas damas. Mas ele variava-as; creava-as; desenhava-lhes as linhas das pernas e dos seios, o triângulo do rosto; coloria-lhes os cabelos e os olhos — conforme o capricho teórico — sensual, do dia. Havia algo de incesto na sua sensualidade e havia sobretudo a prosapia de

As semelhanças comprometedoras

RAQUEL Meller e Pastora Imperio, rivas na soberania dos palcos de "music-hall" detestam-se e hostilizam-se como se rivas fossem no amor do mesmo galã. Atribuem-se mutuamente as mais enlameadas baixezas e nas horas em que esgrimem os seus odios, esquecem-se das suas prosapias de grandes damas para regatearem, de braços anforados, como duas «cigarreiras». Pastora não perdoa a Raquel a declaração feita a um jornalista de que a sua cosinheira cantava muito melhor do que a divorciada de «El Gallo».

Indiscutivelmente Raquel, graças ao contacto das grandes cidades e à influência que Gomez Carrillo, a quem tudo deve e para quem foi criminosamente ingrata, aristocratizou a sua arte, intelectualizou-a, tornando-se a «vedette» máxima do «couplet». E quando, após alguns anos de «tournées» triunfaes, regressou a Espanha e disseram a Pastora o que ela se estilizara no estrangeiro — Pastora riu-se e jurou, à laia de cigana, (que é), que Raquel era uma artista gafeada de defeitos irremediáveis, de defeitos de que não podia amputar-se nunca.

Insistiram com ela — e ela teimou no seu pessimismo malicioso. Que Raquel era uma carga d'ossos; que não tinha voz; que não tinha sentimento a cantar; que na sua basofia de «fina» se ridicularizava em «cursi»; que vestia como uma comparsa de zarzuela... A única forma de abater aquela ferrea parcialidade era de frontá-la com a evidência — e por isso levaram Pastora Imperio a assistir à reaparição da rival... Não podia Pastora negar agora que o corpo de Raquel ligeiramente rechido, ganhava uma plasticidade de formas delicadas, como uma puberdade radiante de esperanças; que a sua voz se disciplinara, se enriquecera de efeitos e se aproximara da alma, colhendo-lhe directamente o orvalho dos grandes sentimentos; que as suas atitudes tinham uma elegancia sincera, superioridade e sobriedade de grande escola; que o seu guarda-roupa parecia feito com as telas de quadros de maravilha...

— Pois sim — disse Pastora ao sair do teatro... A Raquel será tudo quanto vocês quiserem — mas basta um defeito para a descer à última categoria da arte. Qual? Tem um pé mais pequeno do que o outro... Não repararam? Ora essa... Pois vê-se logo... Toda a gente o notou... E' um defeito ridículo, insuportável — e com ele Raquel ha-de ser sempre uma coquetista aleijada...

Esta atitude de Pastora fixei-a e te-

se sentir saltar naquele harem de odalisca de cera. E ganhava! E progredia! Aumentou a brigada de operários. E' que isto de manequins é uma grande industria. Sabem os senhores quantos se fabricam por ano, em Portugal? Quatrocentos. E segundo um artigo publicado, há pouco, em "Les Rares", a França gasta no mesmo prazo 150.000 — Só 89.000 são para Paris; e a Alemanha 210.000! Rogerio de Castro era o rei dos manequins de Portugal. Começava a ser rico! Mas perdera o seu grande amor à Arte. E aturdiu-se com os manequins — como um pobre amante atraído pelo que se ilude com um serrallo de prostitutas. E por isso morreu aos 36 anos.

nho-a evocado em silêncio, dezenas de vezes. E' que no fundo de todos os odios dogmáticos, existe, como derradeiro recurso... o argumento do "pé mais pequeno". Quando o 1.º numero de os "Homens & Factos do Dia" pulou por essas ruas, — havia muita gente que o aguardava com antecipada simpatia; outra que o esperava com curiosidade sim — mas resolvida a ser severa e justa na sua critica, e outra ainda, disposta, na melhor das hipóteses, achar-lhe "um pé mais pequeno do que o outro".

Este ultimo batalhão de caceteiros linguageiros eram capitaniados pelas "Emminences Grises". Eles ante-gozavam uma escapadela de prosa onde pudessem zurzir o seu bengalião de janizaros passivos. Fiz-lhes uma má surpresa; desabeilhei-lhes as

acusações já acolmeadas; tornei-lhes impossíveis os palavrões de "chantage" e de "vingança réles", e assimobriguei-os a espremer os sequissimos miolos à busca dum argumento, no estilo do da Pastora Imperio... O que farejaram então? Que o retrato do coronel americano, que foi um dos chefes da Po-

lícia de Contra Espionagem em Portugal e que ilustrava o artigo sobre o "Homem das Libras de Louça" era... era o do presidente Hoover! E julgavam eles que, com a indicação desse "pé aleijado", descastelavam a reportagem diagnosticando-lhe, através deste symptoma, uma falta de escrúpulos jornalísticos — que se alastrava por toda a obra...

Rabiu o boato um pouco por toda a parte... «E' pena que ele tivesse metido o retrato do Hoover pelo do coronel "Yankee" murmuravam. E como os «on-dit» vem sempre parar aos meus ouvidos — vou desmanchar-lhes mais esta igreijinha — embora pouco me importe que possam medir por uma troca de fotos a seriedade de uma obra jornalística.

Podia, de facto, o coronel americano ser muito parecido com o presidente Hoover, e eu conheço casos do tão flagrante semelhança que provocam até risinhos episódios. O Presidente da Republica Cubana Machado y Morales, por exemplo, tem dois sosias impressionantes. Um deles é o sr. Oscar de Carvalho Azevedo que uma vez foi abordado em Paris por uma família aparentada com aquele político e que o abraçou com tanto entusiasmo que não lhe deu tempo a explicar-se.

O outro sosia do sr. Machado y Morales é o negociante lisboeta Raul Gouveia, estabelecido na Rua do Arsenal. Quando era ministro de Cuba em Lisboa o sr. Luiz Gonzales e quando o actual presidente era apenas deputado — aquele diplomata encontrando-se com Raul Gouveia no "restaurant" Tavares abeirou-se respeitosamente da mesa do comerciante, estranhou que não tivesse sido avisado da presença de S. Ex.ª em Portugal e pediu-lhe licença para organizar uma festa na legação, em sua honra.



Hoover



Briker



Ford

O novo jornal

O tilintar das libras de louça no silencio jornalístico

O que se disse, o que se inventou e o que se fez. — Um episódio de traição... particular-judicial. — O "dossier"; os "detectives" e os 400 contos. — O negocio das cartas abertas ou como se depena uma ave inocente. — Onde se prova que o Reporter X no "Seculo" na "Choldra" e no "Janeiro" em 1918, 1926 e 1928 tratara já do misterio das libras. — Um P. S. aos credores.

NÃO! Ainda não foi desta vez que me cili-dram! Eles bem queriam aproveitar mais esta negação oportuna da Sorte, jogá-la com pontaria firme contra mim... Eles bem suplicaram ao ouvido da Fatalidade que não deixasse perder a ocasião; que eu tinha sete folhos como os gatos, que já que ela começara — que acabasse ou antes, "que me acabasse"... Eles bem meteram os hombros contra a Pedra do Destino para que rebolasse sobre mim espalhando-me como um queijo numa prensa de copiar cartas... Eu não aparecia; eu não escrevia, eu promettera um segundo e ultimo artigo sobre o "Caso das Libras de Louça" entilando-me a mim próprio no dilema de que... "se não publicasse esse segundo e ultimo artigo é porque me tinha vendido" e esse segundo e ultimo artigo não fora ainda liatipado — que mais podiam desejar? Eles não ignoravam as razões; da minha ausencia, as causas do meu silencio; todos os meus passos eram copados a papel quimico e portanto estavam ao alcance diario dos seus olhos — mas os outros, a maioria, os meus próprios amigos, os meus leitores

Henry Ford, o celebre rei dos automoveis é tambem victima de uma semelhança de gêmeo com o francez Jean Treville, escroco internacional que já por varias vezes se tem aproveitando dessa parelha para levantar alguns milhares de dolares, — como sendo ele o autentico industrial... Quantos casos de semelhanças fisionomicas podia citar...? P de Helder Bernardt e da Condessa Rosalez; a do escritor Marcel Prevost e do coronel alemão Walter Brün; a de Jorge V e do falecido Czar da Russia Nicolau II apenas differenciavase pelo penteado; a do proprio Chaby com o jornalista espanhol Mufloz Saliz — que um dia cumprimentei supondo ser ele o actor portu-guez... Mas o que torna mais notavel a preversidade dos que encontraram a este jornal, o mesmo defeito que Pastora encontrou em Raquel — está em que o presidente Hoover pouco se parece com o citado coronel. E como publico o retrato dos dois que o publico sirva de fury...



Machado Morales

fieis não possuíam informações continuadas a meu respeito. O campo estava livre: a "fera" afastada, longe, em Lisboa, lutando dia e noite contra a adversidade, sem tempo nem paciência "nem direito" para afixar boletins sobre o que se passava... Era aproveitar; desastelar o já construído; deitar agua nos depositos da polvora... Fácil e ligeira tarefa — aligeirava-se-lhes que era... A lacuna aberta na perspectiva geral dava espaço á farta para todas as architecturas da calunia. Começavam de vagar, com sciencia e cautela: "E' estranho! O Reporter X não torrou a falir no assunto!" — "O que terá sucedido ao Reporter X?" — "Em Lisboa já não está!" — afirmavam outros que sabiam perfeitamente que eu continuava em Lisboa. — "Pois de Lisboa é que ele já não volta!" — insinuavam outros evoluindo uns metros no sentido da offensiva final.

No fim da primeira quizeana — troou o canhão. Veiu a carta aberta — assinada pelo "Cavaleiro da Verdade". Metto entre a unha do polegar e o papel — em "O Povo", em dois artigos seguidos — o que aliaz não era avaria digna dos sobriquerques. Três columnas de lugares comuns graníticos, escritos por um ilustre e fraternal collega que pouco antes me propuzera colaborar comigo num livro de ataque violento aos individuos que ele julgou defender depois no papelucho que lançou á rua — proposta que recusei enjoado e de má catadura. Os "defendidos", quando ele, na babuge de uma gorgeta lhes foi ler a prova ainda em manuscrito viram dum relance que era uma pedra que ia ser atirada contra eles próprios e alitramense lhe suplicaram que não imprimisse o panfleto. Ele teimou na sua — e eles deram-lhe "cem escudos... para que, pelas alminhas, os defendesse. O cavalheiro encarteirou a nota e prometeu embainhar a espada de cartas. (Episódio autentico). Semana seguinte a falta de jantar cocegou-o com a tentação de desobedecer ao combinado. A minha ausencia; o meu silencio; o interesse e a

Este primeiro numero do **Reporter X** sai deficientissimo — se o compararmos ao nosso projecto.

No proximo numero estaremos mais proximos do que pretendemos

leiam o 2.º numero do **Reporter X**

fessar que não lera os meus artigos, pulseando as minhas afirmações, colaborando, sem minha licença (pudera!) na minha accusação, num galope de desonestidades que seria sordido se não fosse imbecil.

Respondi-lhe, a rir — em "O Povo" e a rir esfrangalhei, destruindo a unica accusação que me dirijia visto que desde que chegara ao meu conhecimento o caso das libras ainda não me calara publicando com mais ou menos detalhes e á medida que ia obtendo informações mais precisas, successivos artigos em 1918, em "O Século" da noite, sob o titulo de "O Homem do Aniz eas libras dos Submarinos"; em 1926, no panfleto dirigido pelo Eduardo de Sousa, "A Choldra"; e no próprio "Primeiro de Janeiro", em 1928, na minha secção e seguido, no outro dia com o descriptivo da visita que recebera duma "Eminencia Parda" dos B B (já nessa altura as "Eminencias" giravam á minha volta) que vinha com pesinhos de lá, tentar saber o paradeiro do tal silencio... Ora se o meu unico crime era ter estado calado — eu que "falara" desde 1918 até 1929, inclusivamente no "Janeiro" se o meu unico crime era ter "falado" agora por espirito de vingança, eu que "falara já" onze anos antes (que poder de previsão o meu que já em 1918 comecei a vingar-me da partida que deviam pregar-me em 1929) estava portanto absolvido pelo ultra-idiotia "Cavaleiro da Verdade" — o que representou para mim, como os senhores devem calcular, um alivio divino... O que seria de mim se o "Cavaleiro d'Industria... de Panfletos" não me absolvesse e eu não podesse comprovar a minha inocencia? Nem quero pensar nisso.

O agente no Porto de "O Povo" telegrafou pedindo para reforçar a tiragem. Contudo "O Povo" pouco se vendeu nas ruas do Porto. Várias "Eminencias Pardas" o aspiraram quasi dum trago — mal elle chegou a S. Bento. Isto significava que poucos, muito poucos, poderam ler a minha resposta — o que veio adensar a preocupação dos sinceros e oxigenar a má fé dos da conjura.

Os amigos escreviam, asfixiados, e esfalfados de esgrimir contra a offensiva, mais violenta e activa, á medida que os dias rodavam sobre os dias e formavam as semanas de silencio. Logicamente que a lealdade desses amigos comovendo-me, reflectia-se magoadamente em minha alma; mas no fundo estava socegado... Eu sabia que, embora após uma demora involuntária as quadrilhas mais ousadas teriam de recuar ante o meu reaparecimento... Que falassem á vontade...; que bolçassem todo o seu fel; que engendrassem os seus palácios de cartão — que eu viria, mais tarde ou mais cedo com a barreira — e a verdade seria mais uma vez descascada das sujidades com que eles a vestissem;

Este numero foi visado pela Comissão de Censura de Lisboa

perspectiva pública; os garotos algarviando o meu pseudónimo no pregão do pasquim — eram algumas centenas de c'roas mais do que certas... Os leitores gritavam á Aqui-d'El-Rei! O "Cavaleiro da Verdade" inquisitoriava a gramática ao longo de 3 columnas só para dizer que, se eu conhecia da negociata das libras de louça desde a guerra e só agora a revelava era um... — espera que me esquece do adjectivo ultra-ridiculo! — era um... não me lembro! Em suma um bandalho, um traidor tambem, qualquer foguete pirotecnico... E tudo isto depois de con-

Reporter X

Entretanto—quantos episódios pitorescos... Dois—ao acaso. Estando no «hall» dum hotel do Porto—o Sul Americano, dois ilustres colegas meus—dos dedicados, dos verdadeiros, João de Sousa Fonseca, director da «A Ilustração» e Magzasinie Bertrand, de Lisboa e Guedes de Amorim—escutaram alguém que dizendo-se da minha intimidade e da minha estima lamentava as minhas fraquezas espalhando entre os presentes a seguinte história: Era eu amigo certo de um rapaz muito conhecido do Porto—Roberto Fernandes e tendo assistido a uma scena de pugilato entre ele e o sr. Crisostomo Dias me prontificara a servir de testemunha do primeiro. A' ultima hora apparecera eu no tribunal a atacar Roberto Fernandes e defender o adversario, deturpando toda a verdade; e que logo dias depois Crisostomo Dias, anunciava ter-lhe sido roubada a carteira na qual se encontrava, entre outros documentos e valores... uma letra minha. A conclusão era fácil... Eu traíra a amizade a troco de uma letra aceite... O fito desta calúnia também era nítido; o explicar com um precedente objectivo inconfessáveis no caso das libras de louça.

Cs dois amigos meus que escutavam o marmarço que impingia a mentira não poderam conter-se e indignados e revoltados affirmaram que ele mentia:

—Não conheço o episódio a que o senhor se referiu—confessou um deles—mas desde já afirmo que é falso. E para poder affirmá-lo basta conhecer como conheço o caracter de Reinaldo Ferreira. E para que isto não fique assim no ar, em suspensão e em suspeita rogo ao senhor e aos seus ouvintes que esperem um pouco...

Uma hora depois regressavam ao «hall» acompanhados do próprio sr. Roberto Fernandes—da boca do qual, o individuo que engendrou a história, jurava tê-la escutado tal como a reproduzia. Roberto Fernandes honradamente o desmentiu negando que tivesse pronunciado tal calúnia: —Reinaldo—disse—assistiu á scena e auxiliou-me, perdendo todo o dia, para que eu fosse posto em liberdade assim como a pessoa com quem tive a scena de pugilato. Prontificou-se também a servir de testemunha. Chegou mesmo a depor por escrito, não a atacar-me ou a defender-me mas simples e honestamente a relatar o que vira. E' absolutamente falso que, no julgamento, depozesse contra mim—visto que faltou á audiência por se encontrar ausente e em tratamento, havia já alguns meses, em Barcelos. O sr. Crisostomo Dias é proprietário de um hotel e nesse hotel encontrava-se hospedado, por um acaso, o filho de Reinaldo e a pessoa que o acompanhava. Sei que o Reinaldo ao ser-lhe apresentada nma conta dessa hospedagem entregou ao sr. Crisostomo ou uma letra ou um chéque—não estou bem certo e assim se explica o encontrar—se esse documento na lista do que foi roubado juntamente com a carteira...

O episódio em si é grotesco, pela insignificância—mas é admirável como exemplificação dos processos de combate de certa gente. O que eles deturpam; o que eles vão buscar, esgravando tudo, esfo-meados ante a primeira casca de batata que encontram. E por este exemplo se pode medir a veracidade de toda a constelação com que eles iluminam a sua inocência e procuram iluminar a minha má fé...

...

Quando por duas vezes, indiquei nos meus artigos a existência dum «dossier» sobre as libras de louça—amigos assustadigos

A Reportagem do dia

Eles e Elas — Elas e Elas — Eles e Eles — Elas e Eles...

Aos que trabalham, enquanto outros infectam o ar que respiramos; ás que — na labuta do lar e na religião dos filhos, se santificam; ás que pelo esforço e pela intelligencia conquistam o direito da independência.

A tecnica de tratar os assuntos mais delicados sem ferir o pudor — No «bas-fonds» da alta burguesia — O caso da actriz que foi expulsa do chá elegante — O que a illustre actriz Ester Leão sabe e o que disse — O que as meninas de 14 a 16 anos pensam da vida e do amor — Os frizos de «mailot», — O exemplo dos paes — A grande seita... «Smart», — O escandaloso baile das Avenidas Novas — «Cercles pour dames», — O assalto policial ao 3.º andar da Rua Garrett, 47 — Modistas, Cabelleiros e Manucures — E o mais que se verá...

EM jornalismo não ha reportagens escabrosas; — ha jornalistas escabrosos. O mais desbargado assunto pode ser filmado pela imprensa e exibido á inocencia e á castidade desde que o reporter da «prise-de-vues» saiba jogar com a contra luz e colocar-se em angulos prudentes. Em compensação — o mais vulgar *fait-divers* focado com sadio proposito de ferir pudores — pode tornar-se pornográfico através do estilo derespeitoso do articulista. E de todas as formas e mesmo nesta ultima hipotese, mais escabroso do que a reportagem, mais desbargado do que o jornalista é a vida que lhe oferece a materia prima; é, sobretudo, a nossa epoca que regala e lhe impõe um modelo desnudado não pela arte — mas sim pela asfixia do impudor.

Portugal evolucionou, nos ultimos tempos, de uma forma pasmosa e veloz para o que a gente do povo — a que se mantem ainda honesta — chama, singela e sinteticamente, «pouca vergonha». Ha uma parte do paiz que vive em plena «alucinação». E — o mais grave — que é precisamente essa zona social a que maiores responsabilidades tem sobre todas as outras, porque se considera a elite pela fortuna... Pretendo apenas, nesta reportagem conduzir aos bastidores dessa existencia hipocrita e mascarada — os que a ella acreditam em elites para alem das do cerebro e da alma, das da intelligencia e da virtude. Vou ciceroná-los pela penumbra, numa jornada pelas galerias subterraneas, pelos esgotos morais em que o ar denso e carregado de miasmas, põe chumbo nos pulmões e horrores de fartum agonizante no olfato. Mas descansem... Para os ricos — cá estou eu... Os senhores atravessam os canos pestilentos, bem defendidos pela mascara contra gases de uma redacção que procura e ha-de conseguir poupar-lhes o estomago ás contrações do vomito...

O chá elegante e a actriz afamada

HA meses os jornais sisudos segredaram, em tom de confidencia, aos ouvidos dos leitores que rebombára grossa escandaleira em certo salão onde se reuniam damas da

alta sociedade — (uma sociedade ahi de 3^m e 45 c^m, pelo menos). Essas damas ao darem pela presença de uma artista muito conhecida, de talento comprovado tinham pedido a sua expulsão como uma indesejável moral, uma gafeosa que ameaçasse com o contacto ou até com o proprio halito inodoar de negro as suas almas de setim branco.

Com uma prudencia e uma reserva que nenhum escrupulo da consciencia mais severa podia exigir — os jornais calaram detalhes, velaram o local, esconderam os nomes... Entendo que, pelo contrario, se deve fuzilar de luz a sombra deste episodio como os bombeiros atiram o jacto d'agua das suas agulhetas contra as labaredas dum incendio que faz perigar o casario visinho. E é por este episodio que apetece iniciar a serie.

Existe no principio da Avenida da Liberdade, esquina da Calçada da Gloria, no angulo apostado ao do Salão Central e em frente ao Cinema Condes um predio de dois andares, acoquetado, de linhas femininas, onde esteve instalado, nas eras do jogo livre, uma tavolagem com «dancing» — o «Peti-Palais» se a memoria não me falta.

Fechado desde inicio da repressão reabriu em finais do ano passado, alugado por uma empresa que projectava inaugurar em Lisboa um «dancing» para gente honesta, um «cabaret» de boas familias como existem em todas as capitais — sem «papillons» sem «tanguistas», sem os «renards du jazz»; um «cabaret» odde á tarde, apoz as compras, a modista, o dentista e o medico, as mães e as meni-

coçaram o nariz e censuraram-me a imprudencia... «Não devias ter escrito o que escreveste sobre a documentação... Para cumulo põe as iniciais do detective em cuja posse se encontra o «dossier»... Os B B n.º 1 são ricos; o interesse em te desarmar é compreensivelmente grande; enorme; os homens são fracos, o dinheiro tenta como as mulheres; eles podem por no balcão somas quantiosas... e tu nada podes por porque nada possues...» Como de costume sorria-me da impressão de imprudente e de acriançado que produzia nos outros; sorria-me e calava-me porque bem sabia as linhas de costura do meu calculo. Quando cheguei a Lisboa e me abeirolei do ex-detective notei bem a rede que se tecia á sua volta; os bicos de rapina que giravam em seu redor; a vigilancia que se exercia sobre nós os dois, tementes sempre que o «dossier» passasse para as minhas mãos antes de eles terem encontrado a formula de se apoderar deles. E eu deixava-os nessa doce illusão, aparentando o melhor que podia o meu interesse exclusivo sobre o

individuo cujas iniciais revelava — enquanto procedia de forma diferente nos poucos momentos de me sentir aliviado dessa vigilancia. E logo que segurei os segredos que pretendia — larguei o jogo e espongei-me ás risadas... Ao darem pela metamorfose da minha actividade apatetaram-se. Que queria aquilo dizer? Porque razão desprezava eu agora o «dossier» anteriormente ambicionado? Donde provinha a segurança com que agia agora?

Velho truc — mas truc sempre proficuo... Eu bem sabia que «eles» eram mais poderosos do que eu; que dispunham do maior de todos os poderes — o ouro; — que era precisamente o que me faltava. O que era preciso pois? Chamar-lhes a atenção para o campo oposto! Fazer-lhes acreditar nas minhas imprudencias, nas minhas crancias, atraí-los onde me apetece — para eu poder livremente e sem perigo de concorrência, registar o que me faltava. Isto não quer dizer que o snr. A não possuísse também informes precisos — mas esses estavam já na minha memó-

nas fossem tomar chá e satisfazer à gula-seima dos «chantilis»; onde se encontrassem com os Chiquinhos, os Manécas, todo o «papeoseismo» lisboeta que respeitosa-mente, como nas «soirées» do club Brasileiro ou dos salões das Avenidas novas, se desengonçassem ao ruído-bundo da orquestra negra.

Para acreditar a casa e para que boa sociedade viesse sem temer—à entrada severíssima—sendo impossível a qualquer reputação que não desse quimicamente positiva infiltrar-se pelas fileiras cerradas e atentas dos porteiros.

Durante uns mezes—tudo decorreu em boa paz e alegria e o negócio foi dando rendimentos apetecíveis. Mas eis que uma tarde entrou na sala do «dancing» pudibundo uma dama alta, magra duma magresa oriental e sugestiva, de linhas suaves de Sherazade, muito branca e loura, sobranceiras recuadas de princesa persa que tivesse nascido de mãe escandinava; e uns olhos estranhos, enormes, esquivos, misteriosos... A dama entrou com a solenidade de Deusa que desce do Olimpo; escolheu uma mesa distante e abancon, sosinha e indiferente ao laço de curiosidades que a estreitava. Murmúrios, perguntas em surdina de grupo para grupo—e por fim riscou-se um nome, como um fósforo de cera na lixa da caixa; e a seguir, como se esse fósforo tivesse incendiado uma bicha de taba—o mesmo nome foi repetido, em todos os cantos da sala, em estalidos cada vez mais ruidosos... «E' ela?» «E'!» «Mas parece impossível!» «Já é descaramento!» «Sentar-se ao nosso lado!» «E não se lembrar ao menos que nós trouxemos as nossas filhas!» «Vem para aqui Loló!» «Não te aproximes daquela mesa, Zizi!» «Eu cá vou-me embora!» «E eu não torno a por cá os pés!» «Mas como foi que a deixaram entrar?» «Talvez não a conhecessem...» «Vamos prevenir a Gerente!» «Isso! Exigir-lhe que expulse!» «Já se vê... Ou ela ou nós!»

A actriz em questão, que não possui os seus estranhos olhos apenas como suplemento decorativo—assistia calma e alheia da ao dilatar da onda, saboreando os seus crêmes e bebericando o seu chá.

A gerente, solicitada pelo improvisado comité de gendarmaria feminina, defensor da selecção na frequência daquele casto Tea-Room—previu o perigo de perder a clientela mas não se sentiu com a coragem

suficiente para se defrontar com a artista e contra-scenar com ela directamente.

Foi a um telefone vizinho e pedindo comunicação com a sua própria casa solicitou a actriz ao aparelho. Que perdoasse—mas ela que se via obrigada, na sua qualidade de gerente a suplicar-lhe que saísse porque as damas presentes assim lh'o tinham indicado ficando-a no dilema do «...ou essa actriz ou nós!» «E porque se afligem essas damas com a minha presença?»—quiz saber a actriz, sem a menor perturbação: E a gerente titubiou: «Como V. Excelência é do teatro...» «Ah! E' por eu ser do Teatro?!! Muito bem... Eu saio já...»

Acabou de satisfazer, sem pressa a sua gula-seima, esvaziou a chicara, pagou, calçou as luvas brancas, ergueu-se magestosa, teatral, colocou-se no centro da sala para que todas a vissem e melhor a escutassem e dirigindo-se a uma das damas que mais se enervara com a sua entrada no «dancing de gente honesta»—esposa dum financeiro muito conhecido—declamou:

—Como V. Excelência já foi em tempos visita de minha casa, e me conhece e eu a conheço com mais intimidade de que as outras senhoras presentes rogo-lhe a gentileza de que, quando eu sair, dizer às suas amigas a quem tanto agnei os sensibíllimos estômagos «que eu, actriz Ester Leão», mulher de teatro e cujo lar não está chancelado pela igreja nem pelo Registo Civil se ri das, suas sensibíllidades e da sua hipocrisia. Que eu, Ester Leão, actriz, mulher de teatro, estrela do Teatro Nacional, vivendo á margem das convenções sociais e velhacas; ganhando o meu pão e o meu luxo, com o meu trabalho e com a minha intelligencia, sou absolutamente livre—livre!!!—e sendo livre procedo como entendo, bem ou mal, leviana ou ajuisadamente porque sei não prejudicar ninguém, nem ferir honras sagradas de um esposo e de filhos, porque sou livre, que não tenho marido a quem deva lealdade e respeito nem filhos que possam envergonhar-se amanhã do que eu fizer hoje!

Diga-lhe ainda que eu, actriz Ester Leão conheço a história de todas essas damas—a começar por V. Excelência que se arrepiava toda com a minha vizinhança no seu ambiente por ser uma mulher de teatro «esquecendo-se que eu não me esdoqueço» de que, enquanto seu marido se

esfalta num trabalho honesto ou desonesto para a manter nesta ostentação viciosa se destrae e ajuda a viver indivíduos que odeiam o trabalho nas que sabem fazer-se amar! Diga-lhe que Ester Leão se ri a bom rir da mascara do pundonor de certas damas—porque antes de me fazer artista pertenci, frequentei, convivi durante muitos anos com a sociedade que elas julgam representar e que, portanto conheço maravilhosamente a Torre do Tombo onde se arquivam as suas crônicas, que eu, Ester Leão sei que a senhora D. Tal (e apontou para que não houvesse duvidas) faz da sua propria filha, com 16 anos incompletos, cumplice das suas diversões ilegítimas!; que a Snr.^a D. Fulana (e tornou a apontar) que tão pálida se encontra se embriagou com «champagne» quando o cadáver do marido, suicida por sua causa, estava quente ainda e na camara ardente recebeu um dos trez motivos humanos desse suicídio; que a senhora D. Beltrana—aquela que ali está—não pode explicar a proveniência de um anel de safiras que traz na mão direita e que retira e esconde na mala quando entra em casa.

« Cercles pour dames »

SIMULTANEAMENTE ao funcionamento da seita orgiaca; ao rolar da onda que inunda inúmeros lares (porque mesmo entre a tal sociedade há uma selecção virtuosa que se defende); ao esplanar da resaca que atrai para o lodo, mulheres e homens, velhos e novos, irradiam da massa global-valetas que são como que células independentes dentro da grande conjura social da imoralidade e do impudor.

Creio que esta rajada de prosa, sintetizando com exactidão o meu pensamento saia um pouco fôca. Lavemo-la... Os alucinados que macaqueiam caricatural e debochadamente as fêzes da circulação cosmopolita—sentiram-se legalizados no seu deboche. Façam o que fizerem, conjuntamente, não temem castigos, não sofrem censuras, não os apenamenta o desprezo e o index dos seus semelhantes. Os elementos da sua classe são tão bons como eles—uma rasovel maioria; muitos comparticipam do *raide* do prazeres ininterruptos e vertiginosos. Existe apenas a necessidade de defender o segredo contra as outras classes (mais por medo a uma offensiva de indignação popular do que por vergonha). Ora no progresso da insatisfação que acompanha as facilidades da libertinagem—vem sempre á ansia de mais prazer. E visto que aquilo que ontem é desperado e só possível no misterio da intimidade se tornou hoje official, mundano, elegante como o baile—os libertinos de bom tom procuram estilizar, aperfeiçoar, intensificar a sua perversão de modo a inventarem caprichos que não sejam ainda admitidos na seita e necessitem a emoção do segredo do esconderijo, do proibido, do perseguido... E' um sadismo que lhes futava...

Ha cousa dum ano e meio os jornais gongeram a noticia, ao principio, com grande barulheira—mas logo se silenciaram—a policia deu um assalto em forma a um terceiro andar do Chiado (47, 3.º andar) a um *cercle pour dames*, onde a pretexto de ascensões aos paraizos quimicos se enxadrezavam damas de boa sociedade com actrices e mundanas num convívio alegre cujo unico prazer real era o seu aspecto secreto. Ora os *cercles pour dames* super-abundam na capital. Nas Avenidas Novas existem trez. Na Estefania dois; um na Rua D. Pedro V; na Estrela bastantes; no Gomes Freire inumeros... Como se organisam? Eis o que me confessa, no seu camarim do Variedades, uma artista ainda não celebre, mas boa rapariga, sempre pronta a regular boas fátias de escândalo á má lingua particular ou jornalista—com a condição de lhe ponpárnas a *revanche* das pessoas que ela desmascara:

—A primeira vez que frequentei um desses clubs (?) feministas foi em 1927 e dou-te a minha palavra de honra (?) que não percebi, ao principio do que se tratava.

Pertencia então á Companhia... e uma noite a estrela da Companhia, propoz-me para socia... «Pagas uma insignificancia por mez—vinte escudos—passas lá as tardes, apresentando-te a damas muito simpáticas, toma-se chá, bebe-se, uma vez por outra, champagne do bom, comem-se bolos e *sandwiches*, ouve-se musica, dança-se, em suma: Umás horas agradabilíssimas.

E' proibido levar homens mesmo que sejam maridos ou amantes... Guerra aos homens das 4 ás 7 da tarde!!! Ah! Não convém propagar

ria e na memoria de quantos, juntamente comigo, o ouviram ler do seu «dossier»—como, por exemplo: o já citado e grande amigo, e illustre publicista João de Sousa Fonseca, Ferreira Gomes—Chefe da Redacção do «Noticias Ilustrado»; David de Carvalho, redactor-Administrador de «O Povo»; snr. Alpedrinha—ex-official do exercito e do jornalista snr. C. Pereira. Longe de mim a ideia que o snr. A. que, poucos dias antes, me escrevera com entusiasmo de patriota e homem de bem sobre o meu artigo do «Povo» e do meu jornal de que fôra, em parte, inspirador—podesse cometer uma traição Longe de mim... Mas convinha-me distrair os «Eminencias Pardas» e enquanto eles se convenciavam que o peixe graúdo estava no rio—pescava-o eu, tranquilamente no mar alto para o publicar no próximo numero, «o segundo e ultimo artigo sobre as libras de louça».

destinado. Caluniavam, mentiam, inventavam, diziam que eu me calava por dinheiro—afirmavam que eu recebera 400 contos (quatrocentos contos, nem menos um real, hein), pelo meu silencio; os meus amigos, coitados suavam, cançados já de remar contra a maré—e eu tranquilo esperando ser-me possível retomar o uso da fala. A unica resposta com que podia quebrar os dentes á calunia—era reaparecer, era falar, era cumprir o que me prometera... Sim muito bem. Cá estou de volta, pronto a recomçar. Calaram-se pois os Emenencias Pardas porque falando eu já eles não podem dizer que... que estou calado!

Só lamento uma pessoa: o meu credor... Para esse coitado é que foi dura desilusão a continuidade da minha honradez! Se me tivesse vendido—os 400 contos chegavam para liquidar a minha divida de uma vez... Assim tem de ser como até aqui... Que me perdoe o meu credor...

Fundadas razões tenho eu para me tranquilizar e não ferver no caldeirão a mim

REPORTER X.

a existência do club... — «E porquê? perguntei» — «Porque é secreto!» — «E' secreto — porquê?» Porque não conveni! E além disso parecia mal! Um club só de senhoras! Seria um escândalo! Nós somos ainda um povo muito atrasado!

Mas os clubs feministas, onde se misturam actrizes, Damas das Camélias e damas... de outras flores, com senhoras de boa sociedade — não se limitam só a instalações próprias. Existem também modistas onde, a pretexto de provas de uma nova *toilette* se entra e sai sem dar nas vistas; manicures; cabeleireiros — etc. que escolheram os seus *ateliers* e salas próximas de patamares com outros andares... Uma verdadeira maçonaria... E são estas damas as que expulsam do *dancing* elegante da Avenida da Liberdade a actriz Ester Leão... porque não admitem o contacto com gente de teatro (desante do publico, já se vê). E' a ansia de buscar, para além de todas as satisfações, o impossível, o que não se inventou, o que produza uma nova menção!

O Baile dos Bébés

REPITO. O mal desta epidemia está no aspecto de seita da sua organização. As levandadas mais graves deixaram de ser o segredo de dois — para ser um espectáculo livre para todos os da seita.

Um exemplo. Pouco antes do início das férias, na minha penúltima estadia em Lisboa fui convidado por dois camaradas, que tinham sido avisados do que se ia passar, a acompanhá-los de madrugada, numa passadeira de taxi à Avenida da Republica.

A Avenida da Republica é, de todas as artérias da nova Lisboa, aquela que evoca, com mais semelhança, certas zonas aristocráticas das grandes cidades. Nas proximidades da Etoile, em Paris; no termo de Kofuisdam em Berlim, no final de Alcalá, em Madrid existem avenidas gêmeas aquela, com o mesmo recorte de casario que deixa adivinhar, através dos stores opacos, conforto fofidão de «mapples», uma estante pejada de bons livros; e uma cave melhor fornecida ainda; avenidas onde o clarão dos arcos voltaicos, atapetando o asfalto parece transforma-lo num canal veneziano de águas róxas ou azuladas; avenidas onde o silêncio tem mais solenidade e o ruído mais harmonia...

Próximo do Campo Pequeno, frente a um prédio apalacado enfileiravam-se algumas dezenas de automóveis... Os «chauffeurs» agrupavam-se junto ao portão gradeado do jardim. Da banda de dentro, uma ranchada de creaditas, vestidas de negro com avental, colarinho e toucas brancas passavam, entre gargalhadas e esquivas fugidas aos abraços, copos de vinhos e calices de licór... Com disfarce, afectando surpresas, os meus camaradas pararam e meteram conversa. A creadagem não fez cerimónia para prosseguir, na nossa presença, a narração que estava fazendo aos «chauffeurs» ao que tinha assistido lá dentro:

—Está tudo bêbedo... —dizia uma.

—Calculem vocês que o D. Antonio para roubar o biberon á D. Elisa abraçou-a e beijou-a... O patrão disse ao cunhado: — «Oh! João... Olha o D. Antonio está a beijar a tua mulher» E sabem vocês o que ele respondeu: «Estou vendo e estou contando os beijos que lhe dá para me vingar e restitui-los a dobrar á mulher d'ele. E dos dois quem fica a ganhar sou eu... A minha mulher está uma «canastra» e a Belmira está ainda muito fresca... «Eu só queria que vocês vissem como a D. Elisa se poz... Parecia uma fera... Atirou com um livro ao marido e por pouco que não lhe acerta. «Canastra... eu? Olha o ginja...» E desatou a contar a toda a gente... Jesus! Eu até tinha vergonha... E depois disse: Se tu me achas canastra há muita gente que pensa ao contrário.»

—E ele o que lhe respondeu?

—Que não gabava o gosto dessa «gente»

Outra creadita, muito fininha, mudando

os ss em xx também tinha visto do bom e do bonito: Uma das convidadas chamara á casa de jantar um rapaz «muito caíta» segundo a expressão da pequena e fizera-lhe uma scena de ciúmes «levada de mil diabos». Chegou mesmo a dizer-lhe: Se te torno a ver aos segredinhos com a tua cunhada faço uma das minhas». Ele indignou-se, chamou-lhe de estúpida para baixo; ameaçou bater-lhe — e a pobre da creadita que, no corredor, estava d'ouvido á escuta chegou a convencer-se que eram marido e mulher... Mas não era. O marido chegou depois. Era um sujeito já entradote. Ao vê-lo naquela zanga perguntou o que se passava. E ela — desavergonhada — disse-lhe tudo. E ele censurou o rapaz... Que parecia impossível! Que aquilo não se fazia!

—Que «xente!» Que «xente!» exclamava a pequena.

—Mas que casa é esta? indaguei dos meus camaradas. E eles elucidaram-me.

Pertencia a um nabalo do Ulitchepe da finança da Rua dos Capelistas — casado com uma pseudo poetisa muito conhecida por tomar sempre a iniciativa de festas de caridade — de caridade mais ou menos bem compreendida... No seu novo-riquismo pretendiam marcar na sociedade lisboeta com festas extravagantes — de onde infalivelmente, levantavam vôo depois bandos de escândalos alados... Calaram-se os meus camaradas porque começava a debandada dos convivas... Eles vinham vestidos de

O JORNAL DO REPORTER X
FOI COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIPOGRAFIA ÉLITE
RUA FERNANDES TOMAZ, 958
PORTO

«bébés», calção curto, blusa, colarinhos á mamã, laçarotes e bonés de marinheiro; elas de petiztas; azas de fita de seda abertas na cabeça e pelos casacos entre abertos viam-se as pernas nús muito acima dos joelhos, as saias de meninas pequenas; e piugas que mal chegavam ao tornozelo.

—Este baile fora organizado muito em segredo para evitar as bisbilhotices da «ralé» — informaram os meus companheiros.

A nota original, a nota «smart», a nota chic e extravagante desta noite consistia na obrigatoriedade dos convivas de ambos os sexos se mascararem de «bébés».

Embora os organizadores, os donos da casa, o financeiro e a poetisa garantissem a paternidade da ideia — plagiaram-na a uma festa identica realizada há poucos meses em Londres, com escândalo da população honrada e com intervenção da policia...

Outro detalhe inédito do bacanal é o do «champagne e os licores serem servidos em «biberons». Só em «biberons» — constava ontem na Baixa — gastaram-se perto de dois contos... E quantas crianças sem «biberon» para o seu leite...

Repara em que estado vêm eles... Realmente não era preciso um longo exame para diagnosticar a embriaguez geral daquela gente.

Homens e mulheres; velhos e novos; menores e caducos — tudo zig-zagueava com o alcool a relampaguear tempestades no cerebro. «Elas» — peor do que eles — beravam numa vozearia escandalosa, canceavam, esperneavam, no passeio; tropeçavam á entrada dos automóveis — como nunca se viu as «papillons» fazerem á saída dos «clubs», apoz uma madrugada d'orgia profissional.

Alucinação trágica

A farça do deboche em que se chapinha em Portugal não para nos «waudivilles» de Feydeau, Courteline e Pierre Weber. A par da hipocrisia, do ridiculo, do escabroso, do desgosto social com monoculo e «lorignon», com cabelos á garçone ou poumadé; com ondulação marcel e «smocking»; com arcóiris da maquilhagem e com casaca; com saias por cima dos joelhos e com «maillet» folha de parra — desbobina-se como uma serpentina vermelha — um já longo fio de sangue, sempre renovado pelo cadaver de uma tragédia identica;

— A noite é o palco grand-guignolesco de centenas de personagens shakesperianos, o auto de fé da sua heresia carnal; a fogueira diabolica dos seus sentidos... O dia ainda os protege. A luz, o sol; a vida crepitando, sadia e desvendada anestesia-os; fá-los esquecer a noite que passou á a noite que ha de vir. Mas chega a noite e inicia-se a tragédia; as vacilações; o medo de si próprios; o nervosismo; o suor; a transição dolorosa da luz e da consciência para a alucinação e para a crise que piedosamente os isola e os insensibiliza para tudo quanto não seja a escravatura deles próprios... Depois julgam que desapareceram; que não os veem; que não os espirentam e veem os «trottoirs»; as ciladas; as rondagens; as valvemas; as esquinas; as abjecções; o galvanismo da sua loucura; O calvario satânico dura até de madrugada e quasi ao nascer do dia... E quando as negruras começam a esbater-se, diafanizando-se em tintagens azuladas, lilazes, róxas, rubras e por fim doiradas, eles despertam, pálidos, amarfanhados, entontecidos, com a alma a salivar a própria alma enojada, angustiada, mal-dizendo-se, chorando muitas vezes, outras jurando nunca mais entrar nos mistérios da noite — para logo, na noite seguinte serem enganchados de novo no vertice das suas taras e regressarem á ignominia...

Mas a sua tragedia não é assim psicologica e moral apenas... Disse-o já... Laiva-se de sangue com uma frequen ia grave... Junto a cada desgraçado ergue-se sempre Mefistofes, pelo alcapão da opera a explorar a sua desgraça... A malraçaria, plebeia ou «smart» andrajosa ou elegante não tem escrúpulos...

E' um instinto de defesa da vagabundice, tão forte nos relapsos — como nos restantes animais o é o instinto de conservação. Portanto, paralelamente á fileira dos chumbados pela tara desensoram-se os reptis que os exploram sabia e friamente, bolçando mais vinagre e polvora para á chaja viva e rasgada da sua fatalidade. Mas há mais ainda... Ha a estilização até ao crime, ao homicidio, para a exploração total, para o aproveitamento completo da cegueira das victimas voluntarias.

Limpar a sociedade? Como? Pela violencia? Não é á cacetada que se curam os loucos! Começando pelos de baixo? Os de baixo são os herdeiros dos que ainda vivem infectando a sociedade, do alto do seu poderio... De uma forma geral — todos estes males — os de eles e elas; os delas e elas; e os deles e eles — nasceu da sede progressiva e ardente dos prazeres, est'lisada pelo snobismo, dilatada pela mandriice, protegida pela riqueza... Depois transborda, e escorre para o povo... Depois enraiza-se e torna-se crónica...

Como evitar o avanço destas ignominias? Como? E o que será o dia de amanhã? Pensa em em tudo quanto escrevi, «cliché» da verdade; e pensaí nos vossos filhos e nas vossas filhas... Salvai a aurora do amanhã — que o crepusculo de hoje, o crepusculo iniciador da noite das ignominias, começa ao meio dia, como um eclipse — num eclipse de vergonha!

Lêr no proximo numero do REPORTER X

«Pele Mele» — O casamento da filha do Dr. Bernardino Machado — Os escritores e as filhas dos Chefes de Estado, no exílio — A tragedia transitoria de Antonio Botto. — Os chinezes vistos pelos europeus e os europeus vistos pelos chinezes — A gastronomia ocidental e a oriental — A barulheira de Lisboa. — O 1.º arranha ceus de Portugal. — A morte do cardeal Dubois e a de Stresser ann. — A tentativa de Cesare Rossi, etc., etc., e o ultimo artigo da reportagem

O homem das libras de louça

*Numerosas
ilustrações*

Chargeurs Réunis e Sud-Atlantique

Para o Brazil e Rio da Prata

PARA CARGA, PASSAGENS E QUAISQUER ESCLARECIMENTOS
TRATA-SE COM OS AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

Comptoir Maritime Franco-Portugais, Limitada

Sucessor de DIOGO JOAQUIM DE MATOS

No PORTO: R. da Alfândega, 7 Em LISBOA: Cais do Sodré, 32-38

Telef. 2925, 2926-C

Telef. 2292, 2294-C

Brinde de uma maquina de escrever "CORONA,"

Por cada 10\$00 de despeza em minha casa distribuo
uma senha numerada que dá direito ao sorteio de

Uma maquina "Corona,"

pela Lotaria do Natal, absolutamente gratis.

Pedro Goncalves

Rua de Traz, 7, 2.º - PORTO

Vendedor autorizado das maquinas
L. C. SMITH e CORONA. Maquinas
em 2.ª mão, reparações, accessorios,
fitas, papel químico, etc., etc.

PARA A PROVINCIA, ENVIOS A' COBRANÇA

Antero de Faria

Farmaceutico-quimico

BARCELOS

Para o Suor dos Pés

Usar TOPIZINA

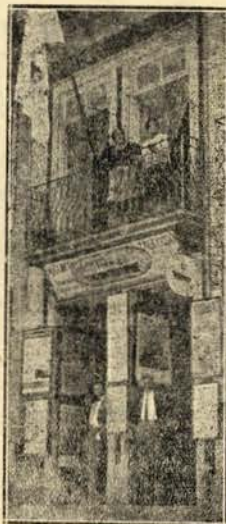
A' venda em todas as
farmacias e drogarias

DEPOSITOS:

Pestana Branco & Fernandes, Lda
Rua dos Sapateiros, 29-1.º
LISBOA

J. M. Niz & C.º
R. do Almada, 59, 1.º - PORTO

AGENCIA VELOSO — BARCELOS



PASSAGENS E PASSAPORTES

**COFRES
COFRES
COFRES a valer
TRIÃES**
VIGILÂNCIA DE GRA

Armazem de Merceria
— Junto e Retalho —

D. Figueiredo & Irmão

Praça do Almada
POVOA DE VARZIM

FABRICA DA GRANJA

— DA —
Empresa Industrial de Barcelos

S. A. R. L.

Serração, Carpintaria, Mar-
cenaria e Serralharia. Madei-
ras nacionais e estrangeiras.
Reparação e recolha
de automoveis

BARCELOS

IMPOSSIVEL

NOVELA DE
REPORTER

X

Procurem nas boas
Livrarias
e Quiosques do Paiz

A PRODUCTIVA

Fabrica de todos os artigos de arame

Colchões para todas as camas de ferro ou
madeira — Capachos de arame — Rede de
aramé para todas as vedações — Fabrico
especial em arame galvanizado em diver-
sas grossuras.

José de Magalhães

Rua da Picaria, 27

— PORTO —

CAFÉ-BAR

Praça da Republica
VIANA

Estabelecimento moderno.
Serviço de café, chá,
lunches, pastelaria.

**Vinhos de todas as pro-
cedencias**

Francisco de Sá

Correaria e artigos de
viagem, chapéus, guar-
da-sóis, calçado de todas
as qualidades e bijou-
terias, etc., etc.

**45, Rua D. Antonio Barroso, 47
BARCELOS**

Ourivesaria e Relojoaria Confiança**José Vieira Veloso**

Avaliador oficial pela Casa da Moeda

RUA D. ANTONIO BARROSO

BARCELOS

Automovel de aluguer

**Chevrolet
N-6145**

Permanente na P. da Republica

*Chamadas a
qualquer hora***VIANA DO CASTELO**— AGENCIA —
NICOLAU FERRAZ**PASSAPORTES**Rua do loureiro, 80
PORTOTelegramas: Silferraz
Telefone, 762**BANCO DE BARCELOS**

FUNDADO EM 1875

Descontos e transferencias. Contas correntes.
Depositos á ordem e a praso. Cobrança de juros
e de dividendos

Todas as operações bancarias permitidas por lei

João de Souza e Silva

Estabelecimento de Merceria

*Novidades para homem,
senhora e creança***PREÇOS SEM COMPETENCIA**Rua D. Antonio Barroso
BARCELOS**Café AMERICO**

CERVEJARIA

Americo A. de MagalhãesPraça da Republica
VIANA**HOTEL ALIANÇA****VIANA DO CASTELO**Situado no mais bonito ponto da cidade,
com frente para o Rio Lima, Oceano
e Nova Avenida.

Proprietario:

José L. Gonçalves**Padaria Barcelense****CARDOSO & IRMÃO**

Pão de trigo, milho e semente

Farinhas de primeira qualidade
BREVEMENTE FABRICO DE BISCOITOS22, Largo do Teatro, 24 — **BARCELOS**

Garage "União,"

DE

Passos & SáGarage: Rua Gago Coutinho
Serralharia: Rua dos Manjovas
VIANA DO CASTELO*Automoveis, auto-car e camionete
de aluguer para passageiros e car-
ga. Venda de oleos, gasolina, pneus
e acessorios. Serralharia mecanica
Pessoal competente
PREÇOS RASOAVEIS***ALBERTO AZEVEDO**Serração e
Exportação
de Madeiras**VIANA DO CASTELO****Merceria e Confeitaria
Loja do Candido**

TELEFONE N.º 9

Largo do Passeio Alegre, 17
POVOA DE VARZIM*Especialidade em merceria fina.
Manteiga de Paços de Ferreira.
Pastéis de Santa Clara e das Cla-
rinhas de Pão. Biscoitos de Viana
e Frigideiras do Cantinho (Braga).
Escritorio das carreiras diarias
de camionetes entre Povoas, Barce-
linhos, Braga e Gerez. Partidas ás
8 horas e chegada ás 12 horas.***O ULTIMO SUCESSO
DE LIVRARIA :****CEMITERIO da GLORIA
e da SAUDADE**2.º volume das obras
completas do
REPORTER X

A venda em todas as livrarias

Restaurante
A BRAZILEIRA**HIPOLITO DA S. MOURA**

-- PREÇOS MODICOS --

R. M. Espregueira, 29

VIANA do CASTELO**Restaurante BARCELENSE****JOÃO CARDOSO**Rua D. Antonio Barroso — **BARCELOS***Especialidade em vinhos verdes. Almo-
ços e jantares aos preços mais rasoaveis
Visitem pois este restaurante,
que ficarão fregueses***Livraria Academica**Rua Cinco de Outubro
**POVOA DO VARZIM
PORTUGAL***Papelaria, Musicas, Figurinos,
Tabacaria, Artigos fotograficos
para profissionais e amadores.
Gramofones, Discos, Planos, T. S.
F., Máquinas de escrever, Tipog-
rafia, Revistas, Postais, Miude-
zas, Novidades, Representações.***COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES
VENDE BARATO
para vender muito****JUVENALIA**

A perola das Pomadas para calçado

Representante | **Feliciano Sobral**
e depositario | R. da Fabrica, II-2.º — **PORTO** Telef. 4353**ALVARO CARVALHO****FERRAGENS — TINTAS e VIDROS
— ARTIGOS de CAÇA —**Rua D. Antonio Barroso, 149 -- **BARCELOS**

Armazem de Ferro, Ferragens, Vidros e Tintas, Cimento "Liz", Deposito de Polvora do Estado, Artigos de caça

DE

RAUL FERREIRA VELOSO

75, Rua D. Antonio Barroso, 79

BARCELOS